



APRESENTAÇÃO

Interfaces sociais e estéticas da literatura

Fernando de Mendonça¹
Carlos Magno Gomes²

O Conselho Editorial da Revista Fórum Identidades lança o volume 41, número 01, referente ao primeiro semestre, janeiro-junho, de 2025, que é composto por textos que se articulam em torno das **Interfaces sociais e estéticas da literatura** e com uma Seção Livre com artigos das áreas de Linguística e ensino de leitura. O Dossiê reúne trabalhos que agregam leituras e movimentos críticos em torno de objetos literários sobre questões étnico-raciais, leituras pós-coloniais que perpassam as relações entre Cinema e Literatura e Literatura de autoria feminina e Tradução além de reflexões sobre a literatura de Angola, especialmente sobre o nacionalismo em Pepetela. Com uma perspectiva de leitura descentradas, o Dossiê tem o objetivo de expandir os espaços de diálogo e reflexão entre Literatura e pós-colonialismo e Literatura e outras artes a partir de perspectivas contemporâneas que ampliam as estratégias de pesquisa da área e ressignifiquem os códigos hegemônicos dos estudos literários.

Na Seção Livre, temos artigos que repensam as dimensões das línguas faladas em Angola e a imposição da Língua Portuguesa como hegemônica, as perspectivas da leitura literária em espaços escolares de comunidades rurais, a importância da inclusão da agenda das ODS nas abordagens dos materiais didáticos voltados para escolas públicas no âmbito do PNLD e reflexões sobre como a cultura digital tem ampliado as formas de leitura literária a partir das interfaces audiovisuais. O encadeamento dessas pesquisas visa contribuir para a formação cidadã de sujeitos críticos em sintonia com o seu tempo e espaço.

Abrindo o Dossiê, o primeiro artigo desta edição propõe uma leitura crítica em torno da diáspora africana, presente no imaginário de uma marcante voz nas autorias contemporâneas e afrodescendentes. Em **Bernardine Evaristo e suas reconstruções (de gênero) na ficção britânica negra contemporânea**, Paulo Henrique de Sá Júnior desenvolve reflexões a partir de vários romances da autora em questão, percebendo o aprimoramento de seus mecanismos ficcionais e a maneira

1. Professor adjunto de Teoria Literária da UFS (DELI/PPGL/PPGCINE). Doutor em Letras pela UFPE. E-mail: nando-dijesus@gmail.com. [ORCID](#)

2. Professor titular da UFS. Doutor em Literatura pela UnB com pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG. E-mail: calmag@bol.com.br. [ORCID](#)

como sua escrita evolui de um misto entre memórias pessoais e autobiográficas, em fusão com o domínio romanesco, para focos mais amplos de revisionismo histórico, onde as narrativas hegemônicas são confrontadas para demarcar a ênfase em torno da resistência e do protagonismo dos povos negros. A desconstrução de estereótipos e o deslocamento das memórias negras não mais reduzidas ao lugar de vítimas, denota as conquistas culturais resultantes da autoafirmação literária de Bernardine Evaristo, reconhecendo a relevância de seu trabalho no contexto geral da ficção britânica contemporânea.

Em seguida, outro movimento de perspectiva crítica pós-colonial é desenvolvido no artigo dos pesquisadores Fernando Oliveira Santana Júnior e Fernando de Mendonça, intitulado **Crítica pós-colonial ao mito lusíada em Os Lusíadas, de Camões, e no filme O Velho do Restelo, de Manoel de Oliveira**. Nele, os autores revisitam o mito canônico por meio do imaginário cinematográfico, em assumida postura anticolonial que redimensiona o tempo histórico por meio do distanciamento crítico e da desconstrução das mitologias coloniais portuguesas. Acompanhar esse movimento a partir de um filme português, ressalta que os cinemas pós-coloniais não têm sido uma resposta apenas das ex-colônias, mas também um avanço crítico de países colonizadores, como é o caso da obra de Manoel de Oliveira, que realizou “O Velho do Restelo” em 2014, quando já somava 105 anos de idade. Com tal exemplo, o artigo em questão potencializa o diálogo intermediário entre literatura e cinema, por meio de uma complexa apropriação crítica de imaginários canônicos que urgem por deslocamentos e novas abordagens.

Retomando as reflexões de ordem literária, o artigo da pesquisadora Lucie de Lannoy, **Mariana Enríquez, Las cosas que perdimos en el fuego: tradução, feminismos e outros fogos**, dá sequência ao Dossiê refletindo os processos tradutórios que a obra de contos referenciada da escritora argentina recebeu no Brasil. A reflexão, com o intuito de contribuir aos estudos da tradução e dos feminismos transnacionais, parte do fato de que Mariana Enríquez teve a sua obra traduzida para o português por um homem, o tradutor José Geraldo Couto. A partir de uma leitura comparativa, entre o texto original e a sua versão brasileira, discute-se a pertinência das escolhas lexicais adotadas pela tradução, no tocante à fidelidade estrutural dos textos traduzidos, onde são coletados vários exemplos de alguns contos da obra para demonstrar eventuais desvios, seja na flexão ou neutralização de gênero, seja em escolhas vernaculares questionadas pela pesquisa.

Mais uma contribuição crítica de dimensão literária se encontra no artigo de Jeferson Rodrigues dos Santos, sobre **A tradição da contranarrativa e o nacionalismo literário angolano**. Em sua proposta, o pesquisador confronta o nacionalismo literário como critério exclusivo para compreender a historicidade do romance angolano, o que, com base em leituras de inúmeros autores daquela

nacionalidade, cujas obras foram produzidas no período entre 1880 e 1974, o intervalo de quase um século, levantou-se a proposta de uma nova classificação para o legado romanesco daquele momento. Na contramão de abordagens reducionistas e teleológicas, o artigo apresenta a possibilidade de substituição da nomenclatura ‘protonacionalista’ pela existência de uma ‘tradição da contranarrativa’, onde a força das narrativas angolanas se manifestaria muito além de um caráter de representar a descolonização, mas de materializá-la concretamente, de ser a sua voz, múltipla, inventiva e desestabilizadora em seu papel de resistência.

Na Seção Livre, o trabalho de Eduardo David Ndombele, pesquisador e professor angolano, **Repensando a harmonização curricular do ensino da língua portuguesa na província do Uíge-Angola: desafios e perspectivas**, revisa as intervenções estatais para impor a Língua Portuguesa como hegemônica em Angola. Nessa reflexão, com base em uma análise prática sobre o Projecto Pedagógico do Curso de Ensino de Língua Portuguesa do ISCED-Uíge, a formação docente em Angola é problematizada com o intuito de identificar possíveis carências na estrutura curricular, em relação aos padrões do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR). Diante do levantamento de dados, reivindica-se um maior respeito à diversidade linguística e cultural do contexto angolano, pautado pelo multilinguismo e com necessidade de abordagens que sejam coerentes à assimilação do Português como língua não materna, a se considerar a realidade das línguas nacionais de origem bantu que compõe parte significativa de estudantes que chegam ao ensino superior.

Na sequência, no artigo intitulado **Mediação sociocultural no ensino de literatura: uma proposta de transcodificação poética**, Wellington Neves Vieira propõe reflexões sobre o ensino de literatura com o intuito de ampliar metodologias de leitura que incorporem as especificidades de estudantes advindos de áreas rurais, apropriando-se de seus repertórios e horizontes previamente constituídos. Por meio de uma aplicação prática de poemas de Cora Coralina, Ferreira Gullar, Jorge de Lima e Conceição Evaristo, em uma escola alagoana, o autor apresenta articulações teóricas da semiosfera para a formação de leitores críticos, encontrando abertura para semelhantes proposições em outros contextos educacionais, como escolas quilombolas e indígenas. A partir de um movimento consciente de mediação sociocultural, demonstra-se não apenas uma capacitação devida ao exercício hermenêutico dos textos literários, mas uma ressignificação das construções identitárias já desenvolvidas pelo alunado alvo da pesquisa, o que potencializa sua formação cidadã e emancipação de conhecimentos.

Logo depois, a pesquisadora Julia Vasconcelos Gonçalves apresenta considerações sobre as tecnologias sociais em programas de distribuição do livro didático no Brasil. No artigo **O livro didático como tecnologia social: a diver-**

idade linguístico-cultural do inglês nos livros do PNLD 2026-2029, a pesquisadora reforça a importância da distribuição desses materiais em escolas públicas, assim como a necessidade de alinhamento dos mesmos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU junto à área da Educação. Por meio de uma pesquisa documental que analisa os critérios avaliativos e os pareceres dos livros didáticos aprovados para uso nas escolas, no que pese a discrepância entre os princípios normativos em vigor e as práticas concretas para seleção e validação das obras, são identificadas necessárias adequações para a consolidação de tais materiais como tecnologia social, concretizando as concepções de língua, cultura e formação cidadã, sob a perspectiva da cidadania global e da justiça social.

Por fim, Rita de Cássia Nascimento de Almeida e Naiara Sales Araújo apresentam o trabalho sobre **A leitura literária no contexto das narrativas digitais**, que articula considerações sobre a reconfiguração na cultura digital e suas implicações nos movimentos literários mais recentes. Partindo de um resgate histórico das narrativas, a reflexão avança sobre os ambientes digitais e todo um contexto da cibercultura, para analisar a ressignificação das formas de mediação cultural e textual e compreender como a reinvenção de formatos interativos e colaborativos vem atualizando a experiência literária, dos processos criativos à distribuição, recepção e todo o movimento das cadeias editoriais. As autoras defendem, acima de tudo, que a experiência estética e criativa está longe de morrer ou desaparecer, apontando a hibridez entre tradições e inovações como essencial para a contemporaneidade.

Da mesma forma, o Dossiê que dá corpo a este volume da **Revista Fórum Identidades** também tem por intuito refletir elos possíveis entre tradições e inovações, pelo equilíbrio e pelo contraste, que se observam nas interfaces da língua e de suas literaturas, com a sincera expectativa de que a leitura de seus textos sirva de estímulo a novas pesquisas e desdobramentos críticos, subsidiando trabalhos que se encontrem igualmente afinados com a conscientização política e social emergente nos estudos das áreas de Educação, Letras e Artes. Agradecemos a cada especialista que contribuiu para a formação deste painel de pensamentos e novos conhecimentos, assim como a todos os olhares que se dedicarão a uma leitura atenta e multiplicadora.